

LITERATURA INDÍGENA NO PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS -

UESB 2024

INDIGENOUS LITERATURE IN THE UNIVERSITY FOR ALL PROGRAM - UESB

2024

Elenilda Barbosa Mendes ¹

Resumo: Este ensaio relatará como foi o aulão de Literatura, enfatizando a explanação da Literatura indígena por umas das professoras monitoras do Programa Universidade para Todos da UESB, realizada no campus de Jequié-BA. Objetiva-se falar da importância da Literatura Indígena para a reflexão das construções de identidade e pertencimento étnico através da ficção. A metodologia utilizada foi a exposição de slides com conceitos sobre o tema segundo Melo e Filho (2021), Danner, Dorrico e Danner (2018) entre outros. Houve uma retrospectiva da formação da Literatura Brasileira pela professora monitora Elenilda Barbosa, e por fim, a leitura e análise dos poemas de Eliane Potiguara e Márcia Kambeba. Portanto, refletimos como, através da literatura indígena brasileira contemporânea, podemos contribuir com a publicização das singularidades étnico-culturais dos povos indígenas que foram marginalizados durante vários séculos da história oficial do Brasil, ao mostrar como a literatura escrita por indígenas possui uma práxis político-pedagógica de resistência, luta e autonomia para escrever suas narrativas dentro de uma sociedade que ainda os vê como pessoas sem a capacidade intelectual de serem críticos e de produzirem obras literárias.

Palavras - chave: Literatura indígena; Identidade e resistência; Obras literárias.

Abstract: This essay will report on the Literature class, emphasizing the explanation of Indigenous Literature by one of the teachers monitoring the University for All Program at UESB, held on the Jequié-BA campus. The aim is to talk about the importance of Indigenous Literature for reflecting on the constructions of identity and ethnic belonging through fiction. The methodology used was the presentation of slides with concepts on the subject according to Melo e Filho (2021), Danner, Dorrico and Danner (2018) among others, there was a retrospective of the formation of Brazilian Literature by the teacher-monitor Elenilda Barbosa, and finally, the reading and analysis of the poems by Eliane Potiguara and Márcia Kambeba. Therefore, we reflect on how contemporary Brazilian indigenous literature can contribute to publicizing the ethnic-cultural singularities of indigenous peoples who have been marginalized for several centuries in Brazil's official history, by showing how literature written by indigenous people has a political-pedagogical praxis of resistance, struggle and autonomy to write their narratives within a society that still sees them as people without the intellectual capacity to be critical and produce literary works.

Key words: Indigenous literature; Identity and resistance; Literary works.

¹ elenildabs2@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/8592709307812263>

Introdução

Este ensaio fará uma breve descrição das práticas pedagógicas realizadas no aulão de Literatura intitulado “Literatura e identidade: quem somos nós na ficção?”, descrevendo como foi trabalhada a Literatura Indígena brasileira para estudantes do Programa Universidade para Todos no polo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia de Jequié -BA. Este ensaio descreverá como foi a apresentação desse novo estilo literário que surgiu nas últimas décadas e está ganhando cada vez mais força no cenário nacional.

Ao realizar pesquisas acerca do protagonismo dos indígenas na Literatura, percebe-se, desde a formação da Literatura Brasileira, passando pelo Arcadismo, Romantismo e Modernismo, que os povos indígenas eram representados de maneira estigmatizante e estereotipada por escritores não indígenas, que usaram valores da cultura ocidental para julgar os costumes, tradições e culturas do nativo brasileiro, que ficou por muitas décadas silenciado.

Após os avanços dos Estudos Culturais e das conquistas do movimento indígena, percebe-se hoje que uma série de escritores indígenas começaram a ser protagonistas de suas narrativas no Brasil. Ao ocuparem vários espaços dentro da sociedade brasileira considerada apenas para pessoas não indígenas e da classe social de prestígio. Com essa nova forma de fazer a Literatura, eles constroem outras versões, narrativas e mundos possíveis para além das narrativas canônicas eurocêntricas. Essa discussão nos mostra a importância da escrita literária como uma ferramenta de ativismo, engajamento, empoderamento e luta por reconhecimento cultural e racial dos povos nativos na contemporaneidade.

A literatura indígena brasileira: algumas reflexões

Segundo Melo e Filho (2021), ainda há uma noção elitizante do cânone literário que acaba excluindo ou selecionando determinados escritores (as) na Literatura Brasileira Contemporânea, o que revela um mecanismo que envolve aspectos políticos, sociais, históricos e culturais. Durante a história da Literatura Brasileira aconteceu a marginalização de alguns grupos como os povos indígenas, negros, homossexuais, pobres, mulheres, entre outros, que tiveram suas vozes silenciadas na história brasileira oficial. A literatura brasileira acabou sofrendo influências da Literatura Ocidental, ou seja, os autores brasileiros se inspiraram, por muito tempo, na cultura de fora, que era considerada civilizada, ao invés, de valorizar a cultura nacional e as suas diversidades.

Atualmente, mesmo depois de tantos avanços e quebra de paradigmas culturais, as escritoras brasileiras continuam lutando para saírem das margens, da exclusão e da subalternidade imposta pela sociedade patriarcal por muitos séculos, ainda se encontra um número bem pequeno de escritoras brasileiras mencionadas em livros didáticos, agora imaginem de escritoras indígenas, que são consideradas descendentes de povos subalternos, que ainda carregam vários estereótipos e estigmas construídos pela sociedade nacional.

Conforme Danner, Dorrico e Danner (2018), foi a partir da década de 70 que surgiu o Movimento Indígena Brasileiro, organizado por lideranças e intelectuais indígenas, que buscavam o direito de terem suas vozes ouvidas, participando política e culturalmente no país de maneira autônoma, sem mediações de instituições públicas como a FUNAI ou de privadas como as instituições religiosas. A partir de 1990, se consolida e desenvolve os primeiros escritores da Literatura Indígena Brasileira, com o objetivo de desconstruir as heranças da colonização europeia.

Mesmo após a disseminação mundial das teorias da crítica feminista, dos Estudos Culturais e Pensamentos Pós-coloniais, Anticoloniais e Decoloniais, começaram os questionamentos: como seriam as outras narrativas acerca desse acontecimento histórico? Cadê a versão das pessoas que ficaram tantos séculos silenciadas e subalternizadas na história brasileira? Cadê a versão dos povos nativos que tiveram suas terras invadidas e suas riquezas roubadas? A única certeza que se tem é que muito se perdeu ao longo dos séculos e, atualmente, esses povos marginalizados estão ocupando e mostrando o potencial das suas vozes para a sociedade brasileira através das obras literárias.

A literatura indígena para além da ficção

O aulão foi realizado no auditório Wally Salomão, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Campus de Jequié, para os estudantes do cursinho pré-vestibular UPT. Foi ministrado pelas professoras monitoras de Literatura com a interdisciplinaridade entre a Literatura, a ficção e a construção da identidade cultural e nacional do povo brasileiro. Desse modo, como monitora da disciplina Literatura e também pesquisadora da literatura de autoria indígena, apresentei esse novo estilo literário brasileiro para os estudantes e a maioria deles não tinham conhecimento sobre a temática e nem sobre os autores indígenas.

A metodologia utilizada foi a exposição de slides com alguns conceitos dessa Literatura, autores mais conhecidos como Graça Graúna, Auritha Tabajara, Eliane Potiguara, Daniel

Munduruku, Olívio Jekupé, Ailton Krenak, Márcia Kambeba, Julie Dorrico, Aline Pachama, e leitura dos poemas de Márcia Kambeba e Eliana Potiguara. Realizei a contextualização dos primeiros textos que dão início à literatura aqui no Brasil, chamando a atenção dos estudantes para o protagonismo dos indígenas nesse primeiro contato com o europeu, que violentou, explorou e impôs a sua cultura e religião sobre os povos originários. Enfatizei como os nativos foram representados na Literatura de Informação, no Barroco, Arcadismo, Romantismo, Modernismo até chegar na literatura escrita pelos próprios indígenas. Como os próprios nativos vão desconstruir a imagem folclorizada, estereotipada e preconceituosa sobre os seus ancestrais, trazendo a riqueza cultural, epistemológica e religiosa das várias etnias indígenas ainda existentes no Brasil através das suas escritas.

Foi abordado que, somente após as décadas de 70 e 80, os povos indígenas do Brasil passam a ter mais consciência política, de organização social e começam a usar as tecnologias de comunicação dos brancos. Pois antes essa representação era feita apenas por homens brancos e não indígenas que faziam parte da elite brasileira, como na literatura indianista no período do Romantismo Brasileiro, em que os indígenas eram representados nas poesias e romances com traços caricatos e idealizados que não os representava. Os escritores que se destacam nesse período foram Gonçalves Dias (1823-1864) e José de Alencar (1829-1877), que colocam em suas obras literárias o nacionalismo, a presença do indígena como herói nacional e tentam fazer uma descrição do encontro entre indígenas e europeus como representação do mito da criação do Brasil, só que com o olhar da cultura ocidental eurocêntrica.

No final de 1970, os indígenas começam a publicar seus escritos, ilustrações contendo suas vivências nos espaços urbanos ou rurais, individualmente ou de forma coletiva. Desse modo, reconhecer a existência da Literatura indígena é afirmar a cultura existente dentro das comunidades indígenas que foram e ainda são silenciadas, apagadas ou julgadas como erradas e inferiores à cultura hegemônica ainda dominante na sociedade brasileira. Através da Literatura indígena temos a representação da multiplicidade de autores e de vozes, de temas, de resistência e, sobretudo, das auto-expressões criativas irrigadas e orientadas pela ancestralidade, pelas tradições indígenas, mantendo vivas as tradições ancestrais, a cosmologia e a herança espiritual como uma forma de resistência política na escrita literária.

Os romances, contos e poemas constroem a "Identidade Indígena" pelos próprios indígenas, também enunciam poeticamente às futuras gerações que nascerão que eles serão capazes de lutar contra a marginalização e a pobreza, contra os registros históricos que silenciam ou descaracterizam os sujeitos indígenas. Destacou-se os principais escritores

indígenas Auritha Tabajara, Graça Graúna, Eliane Potiguara, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Olivio Jacupé, Márcia Kambeba, Julie Dorrico e Aline Pachamama.

Leitura e análise crítica dos poemas escrito por indígenas

Os poemas selecionados para leitura e análise foram: “Brasil”, escrito por Eliana Potiguara e “Não somos ‘índios’”, por Márcia Kambeba como podemos ler abaixo.

Brasil de Eliane Potiguara

Que faço com a minha cara de índia?

E meus cabelos

E minhas rugas

E minha história

E meus segredos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meus espíritos

E minha força

E meu Tupã

E meus círculos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu Toré

E meu sagrado

E meus “cabocos”

E minha Terra?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu sangue

E minha consciência

E minha luta

E nossos filhos?

Brasil, o que faço com a minha cara de índia?

Não sou violência

Ou estupro

Eu sou história

Eu sou cunhã

Barriga brasileira

Ventre sagrado

Povo brasileiro.

Ventre que gerou

O povo brasileiro

Hoje está só...

A barriga da mãe fecunda

E os cânticos que outrora cantavam

Hoje são gritos de guerra

Contra o massacre imundo.

Este poema traz reflexões profundas sobre a identidade e pertencimento da mulher indígena que luta contra o apagamento histórico do seu povo, ela enfatiza a conexão com a mãe terra, com o ventre sagrado. Eliane fala por um grupo oprimido por brancos europeus, problematiza a aculturação sofrida pelos nativos em 1500 e nos faz pensar acerca do poder que o discurso dominante tem de marginalizar e discriminar um determinado grupo por vários séculos da história do nosso país. Com essa obra literária, Potiguara mostra que os indígenas deixaram de ser passivos, agora eles saíram do lugar de antagonistas para serem protagonistas de sua própria história.

Não somos "índios"! de Márcia Kambeba

Não me chame de “índio”, porque

Esse nome nunca me pertenceu

Nem como apelido quero levar

Um erro que Colombo cometeu

(...)

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou
(...)

Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos uma missão
Dizimar para a civilização.

Márcia provoca o leitor a pensar no processo de construção identitária e no pertencimento étnico dos indígenas do Brasil, já que sempre falaram por eles durante esses vários séculos. Ela enfatiza o termo “índio”, que foi algo imposto pelo homem branco europeu colonizador, que achava que tinha chegado nas Índias. Ela também dá a entender que, quando se usa esse termo, acaba-se generalizando todos os indígenas do país, deixando de lado toda a diversidade que existe nas culturas e línguas indígenas. Kambeba faz a expressão do seu modo de viver, de perceber o mundo, enunciando a sua pertença ancestral de forma que rompe os vários silenciamentos que seus ancestrais tiveram pelos colonizadores. Ela pede respeito, reconhecimento, defesa e valorização das comunidades indígenas do Brasil. Destacam-se algumas palavras como: Toré que significa uma dança ritual de grande importância para os indígenas, simbolizando resistência e união; Tupã que significa “O Trovão”, uma divindade considerada uma força poderosa da natureza, e Cunhã que significa “mulher forte”, sábia e conectada com a natureza.

Com base nessa interpretação e discussão, os pré vestibulandos viram como a Literatura Indígena está entrelaçada com a História e a Antropologia, por trazer reflexões profundas acerca da nossa construção identitária durante o período de invasão dos portugueses e catequização pelos jesuítas, e, após, com a miscigenação entre africanos, portugueses e indígenas, o que faz o Brasil ter uma cultura tão rica e diversa na atualidade, e principalmente que devemos conhecer os outros considerados diferentes, antes de fazermos pré julgamentos, de que é certo ou errado,

para que dessa forma se entenda o que motiva as lutas das pessoas consideradas marginalizadas na sociedade brasileira atual.

Conclusão

Portanto, trabalhar com essa temática em um aulão foi enriquecedor para os estudantes que gostaram e também compartilharam os seus conhecimentos sobre a temática e lutas dos povos originários por igualdade de direitos na sociedade brasileira do século XXI. Eles perceberam como, através da ficção, vamos construindo a identidade de alguns grupos sociais e como o discurso tem poder e ideologias que podem emancipar ou alienar e excluir algumas pessoas dependendo dos interesses de quem está escrevendo a literatura. Dessa forma, a literatura, a análise crítica e a interpretação de sentidos está em toda parte, precisamos formar cidadãos com essa sensibilidade para que haja realmente a revisão dos conceitos e estigmas contra os grupos marginalizados, violentados e silenciados durante a formação do povo brasileiro, com ênfase nos povos originários.

Referências

CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos; SANTOS, Renata Lourenço dos. Literatura indígena: entre memórias. *EDUR - Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 39. 2023.

COTTA, Valdirene Aparecida; MACARINI, Luciana Aparecida Bravim; POLVANI, Rosely Sobral Gimenez; OLIVEIRA, Valdeci Batista de Melo. Poesia, resistência e identidade na lírica indígena de Márcia Kambeba. *Nova Revista Amazônica* - volume X - nº 01 - junho 2022.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia e ativismo*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

DANNER, Leno; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena como descatequização da mente, crítica da cultura e reorganização do olhar: sobre a voz-práxis estético-político das minorias. In: *Literatura indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção*/Julie Dorrigo; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs), Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018, p. 315-358. Disponível em:<<https://www.academia.edu/es/38855162/>> acesso em: 08-09-2022.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakiri Tama: Poesia Indígena*. Editora X, 2018.

MELO, Carlos Augusto de; FILHO, Joel Vieira da Silva. Subalternas nunca mais! O grito Decolonial das escritoras indígenas brasileiras. *Caderno Seminal – Estudos de Literatura: Escrita de Mulheres: prosa em língua portuguesa e comparatismos*, n. 39, 2021, p. 245-291. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/58918>> acesso em: 09-09-2022.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Grumin edições. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Neuza Maria Correa da; GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. Discurso e resistência na obra poética de Eliane Potiguara em *Metade cara, metade máscara*. *Contrapontos* vol.19 no.1 Florianopolis jan./dez 2019 Epub 26-Set-2019.

ANEXOS



Anexo 1: Elenilda Barbosa ministrando o aulão sobre a Literatura Indígena. Arquivo pessoal.



Anexo 2: Foto com todos estudantes que participaram do aulão. Arquivo pessoal.